

ESPORTE E CULTURA: ANÁLISE ACERCA DA ESPORTIVIZAÇÃO DE PRÁTICAS CORPORAIS NOS JOGOS INDÍGENAS

Arthur José Medeiros de Almeida

Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

Dulce Maria Filgueira de Almeida Suassuna

Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

Resumo

O trabalho que se segue é um recorte da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade de Brasília. O estudo construiu um diálogo entre os campos da Educação Física e Ciências Sociais, tendo como delineamento o estudo de caso. O objeto investigado foi constituído por meio de apropriações das técnicas corporais em relação ao esporte, com base na análise da IX Edição dos Jogos dos Povos Indígenas. O objetivo foi interpretar em que medida esta competição contribuiu para a ressignificação das práticas corporais das diversas etnias indígenas. Os resultados apontam que há um intercâmbio entre valores e práticas tradicionais e modernas, ocorrendo uma ressignificação das práticas corporais dos povos indígenas participantes.

Palavras-chave: Práticas Corporais - Cultura - Jogos Indígenas

Introdução

Ao realizar uma análise acerca das práticas corporais apresentadas nos Jogos dos Povos Indígenas, tem-se a compreensão que o objeto de estudo perpassa por diferentes campos disciplinares, entre eles destacam-se as Ciências Sociais e a Educação Física. É relevante observar que esses campos “compartilham determinados objetos de estudo, ainda que não necessariamente com os mesmos interesses e enfoques” (MAGNANI, 2001, p. 17).

Neste íterim, pretende-se realizar uma discussão acerca das práticas corporais tomando-se como recorte os jogos e as brincadeiras indígenas. O objetivo é compreender os sentidos e significados dessas práticas a partir de uma leitura do contexto no qual estão inseridas, isto é, os IX Jogos dos Povos Indígenas realizados em 2007. As práticas corporais observadas durante este evento – que tem como um dos sig-

nificados a competição esportiva – constituem um conjunto de manifestações da cultura corporal de movimento de cada etnia indígena e são previamente autorizadas, pelas lideranças indígenas, a serem apresentadas ao público não-índio. Fazem parte do patrimônio cultural imaterial desses povos, sendo construídas e reconstruídas culturalmente com base nos diferentes sistemas de representações, portanto, possuem uma lógica que orienta seu funcionamento e que tem como fundamento os valores coletivos apreciados pelas diferentes etnias.

O esporte, nesse âmbito, aparece como um meio de interação entre distintas comunidades indígenas e dessas com a sociedade nacional. Nesta perspectiva, a interação social – em que os agentes e as instituições sociais estão interligados – fomenta relações nas quais os símbolos são criados, interpretados, compartilhados e alterados, em função de determinados interesses (BOURDIEU, 2008). Não obstante, entende-se que os sentidos apresentados pelos objetos simbolizados têm fundamental importância para a compreensão do comportamento indígena e, por conseguinte, de suas sociedades. Estas, por seu turno, são compostas por estruturas que, em certa medida, influenciam a consciência do indivíduo e, em assim sendo, a elaboração dos sentidos.

Isso posto, recorreu-se, neste estudo, a um referencial teórico do qual fazem parte autores como Lévi-Strauss (2007), Viveiros de Castro (1987), Geertz (1989) e Cardoso de Oliveira (1998), os quais contribuem de modo a ampliar o conhecimento sobre as sociedades indígenas. Mauss (2004), Giddens (1989), Bourdieu (1983, 1990, 2008) e Kunz (2006), aos seus modos, possibilitam a compreensão das práticas corporais como manifestações que expressam sentidos e significados para determinados grupos sociais. Ressalta-se que o diálogo proposto com estes autores faz com que a discussão não se limite à esfera de determinado campo de conhecimento, mas que signifique a interpenetração das perspectivas socioantropológica e da Educação Física.

A investigação, com abordagem qualitativa, se deu por meio de estratégias de pesquisa definidas por fases distintas. Inicialmente, foi realizada uma consulta bibliográfica, na qual uma identificação de pesquisadores e de pesquisas relacionadas ao tema se fez pertinente. Esta fase consistiu em fazer um levantamento detalhado de livros, artigos e publicações que contribuíssem para a formulação de hipóteses e que fornecessem subsídios teóricos em relação ao objeto.

Neste íterim, ressaltam-se os trabalhos de Vinha e Rocha Ferreira

(2005) que, ao realizarem estudos na IV e na VII edição dos Jogos dos Povos Indígenas, apresentam a compreensão que as lideranças indígenas possuem sobre o evento. Grandó (2005b), por seu turno, analisa a influência que o evento exerce sobre a educação escolar indígena do povo Bororo de Mato Grosso. Ainda em relação ao evento, Rubio, Futada e Silva (2006, p. 112) contribuíram para a formulação de premissas ao afirmarem que “o que se assiste nas últimas edições é o acirramento da disputa entre as diversas nações por uma melhor colocação”. Publicações de Rocha Ferreira (2002) sobre esporte em terras indígenas, de Vinha e Rocha Ferreira (2003) com os índios Kadiwéu, de Fassheber (2005), que trata do futebol indígena, e de Grandó (2004, 2005a) acerca da educação do corpo indígena, também contribuíram para a análise.

Em seguida, procedeu-se a uma análise do Regulamento Geral (BRASÍLIA, 1999) dos Jogos dos Povos Indígenas adquirido junto à Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer (SNDEL) do Ministério do Esporte. O propósito foi de compreender as diretrizes e os princípios norteadores da realização desta ação voltada aos povos indígenas, especificamente, referentes às práticas corporais.

O trabalho de campo ocorreu durante a IX edição dos Jogos dos Povos Indígenas, em Pernambuco, nas cidades de Recife e Olinda, no período de 23 de novembro a 1º de dezembro de 2007. Vivenciar o momento de realização do evento intercultural possibilitou observações com base no contato direto com o objeto estudado, momento em que o pesquisador inscreve o discurso social. “Ao fazê-lo, ele [o pesquisador] o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente” (GEERTZ, 1989, p. 29).

Naquele momento, as técnicas utilizadas para lograr tal descrição foram as seguintes: observação participante; entrevistas com roteiros pré-estruturados; coleta de registros fotográficos, de áudio e de vídeo, além de anotações em diário de campo referentes às práticas corporais, ao cotidiano do evento e às redes de relações estabelecidas. A compreensão é que os indivíduos participantes desse encontro intercultural – Jogos dos Povos Indígenas – são sujeitos sociais que estão imersos em um contexto formalizado do qual faz parte um conjunto de representações.

Este trabalho se propõe a uma análise compreensiva, buscando a

interpretação de um fenômeno complexo e relacional que se coloca no contexto de uma sociedade moderna, mas cujas bases têm por fundamento elementos das sociedades tradicionais.

Práticas corporais indígenas: diferentes sentidos

O olhar sociocultural sobre o corpo traz o entendimento de que as semelhanças ou diferenças físicas são frutos de um conjunto de significados inscritos por diferentes sociedades ao longo do tempo, “por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca” (DAÓLIO, 1995, p. 39). Na medida em que as diferentes sociedades se expressam, por meio dos corpos de seus membros, esses são vistos como uma construção cultural, pois, onde se manifestam as relações humanas, pode-se reconhecer uma cultura. A cultura ordena o meio a partir de regras; no caso do corpo, seu controle torna-se basililar para o desenvolvimento de padrões de conduta específicos. Os indivíduos, desde o nascimento, apreendem valores, normas e costumes sociais por meio dos seus corpos, ou seja, um conteúdo cultural é incorporado ao seu conjunto de expressões.

As técnicas corporais são objeto de uma grande quantidade de estudo nas Ciências Sociais. As técnicas corporais são as “maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de forma tradicional sabem servir-se de seus corpos” (MAUSS, 2003, p. 401). Possuem tradição, sendo apreendidas por meio de processos educativos próprios de cada cultura, e eficácia, pois auxiliam o homem a solucionar problemas de sua vida ordinária, dando sentido aos movimentos de seu corpo. Mauss (2003) enumera uma série de técnicas corporais que estão presentes desde o início e acompanham o ser humano durante toda a vida. Dentre elas, as técnicas do movimento, que são utilizadas nos jogos e brincadeiras indígenas, bem como no esporte. Toda técnica ou atitude corporal tem, portanto, sua especificidade. O seu aprendizado pode revelar o modo de vida de uma sociedade, visto que são suas estruturas que, em certa medida, condicionam o controle reflexivo do corpo. Por outro lado, as habilidades de controle do corpo constituem o núcleo da interação social que, por seu turno, contribuem para a dinâmica social ao longo do tempo e do espaço. “Tais habilidades alicerçam-se, primordialmente, no controle normativamente regulado” (GIDDENS, 1989, p. 63). Neste sentido, entende-se a linguagem corporal como um discurso convencionalizado e normati-

vo.

A sociedade fornece, ao indivíduo, a segurança e a destreza nos movimentos que, por conseguinte, lhe permite uma resposta coordenada às exigências que os meios social, cultural e natural impõem ao seu corpo. “Para as sociedades indígenas, as formas de transmissão das técnicas corporais [...] transformam o corpo biológico em corpo social e possibilita que a pessoa passe a se identificar em seu grupo e por ele seja identificado” (GRANDO, 2005a, p. 167). Nestas sociedades, a transmissão de técnicas corporais é necessária para que se possa assumir uma posição social. “As posições sociais são constituídas estruturalmente como interseções específicas de significação, dominação e legitimação que se relacionam com a tipificação dos agentes” (GIDDENS, 1989, p. 67).

Uma posição social supõe uma “identidade” construída por meio de relações sociais em que uma série de sanções normativas se aplica ao agente; portanto, “reconhece-se a capacidade da criança de aprender a partir dos jogos e brincadeiras” (GRANDO, 2006, p. 231). Nesse momento, a criança está se apropriando de sua cultura, construindo sua identificação com seus pares, assumindo uma posição nessa sociedade. As práticas corporais como rituais ocorridos nas aldeias cumprem a função de ensino e aprendizado da maneira de fazer, pensar e sentir que são específicas por gênero e idade em cada etnia.

Exemplo disso pode ser encontrado em A fabricação do corpo na sociedade xinguana, na qual Viveiros de Castro (1987) assinala que em determinadas sociedades – como as que vivem em aldeias do Alto Xingu – o corpo humano é “fabricado” a partir de processos intencionais e periódicos. Essas mudanças produzidas no corpo proporcionam outras de posição social e, por conseguinte, de identidade social. A “fabricação do corpo” é intervenção consciente da cultura sobre o corpo humano, construindo a pessoa, modificando sua essência e se manifestando desde a gestualidade, até alterações da forma desse corpo. “Fica evidente, portanto, que o conjunto de posturas e movimentos corporais representa valores e princípios culturais. Conseqüentemente, atuar no corpo implica atuar sobre a sociedade na qual esse corpo está inserido” (DAÓLIO, 1995, p. 42). Nesse sentido, compreende-se o enraizamento de determinados valores nestas práticas sociais que em sua dinâmica definem a identidade de um povo.

Os jogos, as danças e as brincadeiras são formas lúdicas de apreensão da realidade que formam uma identidade fundamentada nos senti-

dos e significados específicos de cada cultura. Tais práticas demonstram os gostos do grupo social, pois permitem a incorporação de um princípio de classificação que comanda as escolhas dos indivíduos. “O corpo é a objetivação mais irrecusável do gosto [...], ou seja, a maneira de tratá-lo, cuidar dele, alimentá-lo, sustentá-lo, que é reveladora das disposições mais profundas do habitus¹” (BOURDIEU, 2008, p. 179).

As escolhas por determinadas práticas corporais – jogos e brincadeiras – demonstram o modo de se distinguir de um grupo, definindo suas características morais e intelectuais. Propõem que determinados comportamentos sejam seguidos evitando reações adversas e contribuindo para a continuidade da ordem social. Portanto, as influências dos princípios e das categorias dos jogos se manifestam fora desse espaço delimitado por um tempo próprio, penetra na vida ordinária das sociedades, colaborando para definir o estilo de diferentes culturas (CAILLOIS, 1994).

A influência do campo esportivo sobre as práticas corporais tradicionais

Com o intuito de analisar a influência do esporte sobre práticas corporais nos Jogos dos Povos Indígenas, tornou-se oportuno refletir sobre o desenvolvimento humano proporcionado pelo esporte. A contribuição de Lévi-Strauss (2007, p. 48) vem no sentido de explicar que o jogo (esportivizado) é “disjuntivo”, ou seja, ele resulta de uma divisão entre jogadores, individualmente ou em equipes, que, em princípio, seriam igualitários, mas no final da partida se diferenciarão entre vencedores e vencidos. O jogo tradicional (ritualizado) apresenta-se de forma simétrica e inversa ao jogo esportivo, posto que ele é “conjuntivo”. Institui a união ou estabelece uma relação orgânica entre os participantes que foram separados no início e que, no final, se confundem com a coletividade. A simetria do jogo (esportivizado) decorre da instituição de regras iguais para ambas as equipes e a assimetria provém dos acontecimentos que dependem da intenção, da sorte e do ta-

1-“Princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação (principium divisionis) de tais práticas” (BOURDIEU, 2008, p. 162). Isto é, capacidade de produzir, de diferenciar e de apreciar práticas e obras classificáveis.

lento. No jogo (ritualizado) ocorre o inverso, a assimetria é preconcebida, por exemplo, entre iniciados e não-iniciados e consiste em unir todos do mesmo lado.

De acordo com Kunz (2006, p. 22), o esporte que, em sua dimensão de alto rendimento, possui os princípios básicos da “sobrepunção” e das “comparações objetivas”, influencia a vida social do indivíduo. Estes princípios trazem como consequências os “processos da seleção, da especialização e da instrumentalização”, propiciando que as técnicas corporais assim como a organização do espaço físico e os materiais utilizados sejam cada vez mais normatizados e padronizados.

Outra característica predominante no jogo esportivizado é a sua essência competitiva. Embora o esporte possa ser vivenciado em dimensões educativas e de participação, ou seja, de forma lúdica, a competição exerce uma dominação no seu significado atual e estaria relacionada à conjuntura hipercompetitiva da sociedade ocidental moderna. O sentido de esporte reiterado nos diferentes âmbitos da sociedade contemporânea é o do esporte de alto rendimento, entendido como aquele que possui “as características dos empreendimentos do setor produtivo ou de prestação de serviços capitalistas” (BRACHT, 2003, p. 18). Sua abrangência é tamanha que difunde pelo mundo seus sentidos de maximização do rendimento e racionalização dos meios, nas mais diversas práticas corporais.

Outro aspecto que merece consideração é o desenvolvimento de um processo de espetacularização dessa prática na contemporaneidade. O esporte-espetáculo, veiculado pelos meios de comunicação de massa, está apoiado em uma ciência que busca soluções para um aperfeiçoamento físico e técnico, a fim de produzir “campeões”. Nesse sentido, ressalta-se que o esporte é um fenômeno contraditório que possui características próprias diferenciadoras de outras práticas sociais e corporais. Portanto, devem ser levadas em consideração as transformações históricas acarretadas nas sociedades pela difusão desta dimensão do esporte e sua influência em eventos que a princípio não teriam este sentido.

Bourdieu (1983, 1990) apresenta uma leitura do esporte em que as instituições, ou as estruturas sociais, estão diretamente relacionadas às estruturas da personalidade humana. Em seu entendimento, o campo esportivo possui leis que determinam seu funcionamento. Trata-se,

contudo, de “espaços estruturados de posições cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes” (BOURDIEU, 1983, p. 89).

Nesse campo, uma luta é travada por grupos com diferentes interesses. No entanto, os objetos de disputa só são percebidos por aqueles que estão preparados a adentrá-lo. Significa dizer que se deve obter conhecimentos que façam identificar as leis, os interesses, o funcionamento e a estrutura desse campo específico. Estrutura essa que independe da vontade dos indivíduos e é capaz de orientar suas práticas e representações por meio da relação de poder entre os agentes ou as instituições engajadas na apropriação do capital específico, seja ele econômico, social, cultural, seja simbólico que, acumulado no curso das lutas anteriores, orienta as estratégias a serem seguidas (BOURDIEU, 1990). Portanto, nessa perspectiva de análise estão envolvidos em um processo de interação os atores sociais, as instituições e suas estruturas.

Os sentidos das práticas corporais nos Jogos dos Povos Indígenas: competição e espetáculo

Os Jogos dos Povos Indígenas foram idealizados por dois irmãos indígenas representantes do Comitê Intertribal de Memória e Ciência Indígena e se configuram como uma ação governamental e intersetorial, visto que foi executado pelo Ministério do Esporte e envolveu ações dos Ministérios da Cultura, da Justiça e da Educação, além da Fundação Nacional do Índio (Funai) e da Fundação Nacional da Saúde (Funasa). Tais instituições representam uma estratégia de consolidação de uma política pública específica destinada aos indígenas. De acordo com o documento oficial que orienta o evento, tem-se como objetivo promover a cidadania indígena, a integração e o intercâmbio de valores tradicionais, com vistas a incentivar e valorizar as manifestações culturais próprias destes povos (BRASÍLIA, 1999).

As práticas corporais, nesse cenário, aparecem como o núcleo da interação entre distintas etnias e destas com os não-índios no âmbito das relações estabelecidas pela estrutura do evento. Não obstante, entende-se estrutura como “conjuntos de regras que ajudam a constituir e regular as atividades, definindo-as como de uma certa espécie e sujeitas a uma determinada gama de sanções” (GIDDENS, 1989, p. 70).

A estruturação imprime determinado “sentido” às atividades em que os indígenas se envolvem. Nesse âmbito, o reconhecimento das estruturas objetivas e a identificação das representações construídas pelos agentes no evento foram consideradas dentro do universo das práticas corporais. Foi necessário compreender que tais práticas realizadas por grupos distintos dentro de um mesmo contexto social possuem uma relação de interação e conflito.

As observações realizadas durante a pesquisa de campo demonstram que a estrutura organizacional do evento foi composta por hierarquias de posições sociais, nas quais seus ocupantes eram responsáveis por desempenhar determinadas funções, de certo modo, consentidas por todos. Indivíduos que ocupavam posições superiores na hierarquia organizacional gozavam de prestígio e poder para desempenharem seus papéis. Estes eram os idealizadores do evento que possuíam a função de estabelecer as normas gerais e, com isso, delimitar o campo de ação dos outros envolvidos. Logo abaixo destes, na escala hierárquica, se encontravam os executores, em sua maior parte composta por funcionários dos órgãos governamentais que foram os responsáveis por suprir todas as necessidades para a realização do evento. Por serem vinculados a órgãos públicos, respeitavam a hierarquia de suas instituições. Em alguns momentos, percebeu-se a insatisfação dos executores em relação às orientações dos idealizadores, demonstrando o conflito de interesses entre esses atores dentro do campo. Um fato observado foi em relação à restrição de liberdade de iniciativa imposta pelos idealizadores aos últimos.

Em seguida, estavam os chefes de comissão, representados por funcionários de menor prestígio nas instituições organizadoras e por colaboradores. Cada comissão deveria realizar atividades específicas, dentre outras: alimentação, transporte, documentação e esportiva. Esta última elaborou o regulamento que normatizou as práticas corporais, bem como fiscalizou seu cumprimento e registrou os resultados. Faziam ainda parte desta estrutura os voluntários, que prestavam serviços de todas as ordens; os indígenas participantes, reconhecidos em suas falas como “competidores”; a mídia de diferentes segmentos; e o público composto em sua maior parte por não-índios que, vez por outra, eram convidados a participar das apresentações.

O congresso técnico aparece, portanto, como um aspecto central e interessante a ser analisado, visto que é um procedimento concretiza-

do com o objetivo de estabelecer normas comuns para as práticas corporais. Neste encontro – do qual participaram apenas cinco lideranças das 27 etnias que estiveram no evento, além de três organizadores – observou-se uma relevante influência dos sentidos inculcados ao esporte, na sua dimensão de alto rendimento, sobre a regulamentação das práticas corporais tradicionais.

Durante a realização do congresso técnico, apesar de ter havido comentários pertinentes à estruturação do evento, percebeu-se que não houve modificações significativas no documento que orienta as práticas corporais. Essa atividade serviu apenas como uma apresentação da estrutura regulamentada que enfatizava a realização das práticas corporais de maneira competitiva, de acordo com edições anteriores. Visto por este prisma, as práticas corporais constituintes deste evento parecem ser objetos de controvérsia, pois, ao serem normatizadas por um processo de construção técnica, não colaboram para explicitar a diversidade cultural existente entre as etnias indígenas.

Por outro lado, práticas específicas como ritos, danças e alguns jogos e brincadeiras indígenas foram demonstradas ao público. Neste caso, o que foi proporcionado a estes atores sociais foi uma apresentação em forma de espetáculo de determinadas práticas corporais dos povos indígenas – muitas vezes interpretadas como inusitada e exótica no contato intercultural. Deve-se pontuar, contudo, que a espetacularização de determinadas práticas culturais pode ter uma dupla significação. Pode, por um lado, engendrar formas de aproximação e apropriação da cultura indígena por parte dos presentes, e pode, por outro, contribuir para promover o deslocamento do sentido de determinada prática da cultura corporal de movimento desses povos, aspecto que merece maior aprofundamento.

Essas observações trazem à tona uma questão: em que medida a competição e a espetacularização contribuem para a ressignificação das práticas corporais tradicionais presentes no contexto dos Jogos dos Povos Indígenas, tomando como fundamento os horizontes semânticos dos indígenas?

As práticas corporais indígenas no sentido da esportivização

Na IX edição dos Jogos dos Povos indígenas, as práticas corporais indígenas passíveis de normatização foram realizadas de maneira competitiva. Ainda que a competição esteja presente com diferentes

intensidades nos jogos tradicionalmente realizados nas aldeias, no evento o sentido competitivo consistia em sobrepujar o resultado alcançado pelo adversário. Observou-se que as práticas corporais realizadas da forma levada a efeito no evento envolveram em seu conjunto elementos tradicionais (como as pinturas e adornos corporais) e outros referentes a aspectos modernos (como a regulamentação, a fiscalização e a padronização).

O arco e a flecha e a lança são instrumentos tradicionalmente utilizados para a caça e a defesa da comunidade na aldeia. O uso desses instrumentos exige técnicas corporais específicas que possuem sentido e significado próprios em cada cultura indígena. Nesta ocasião, o arco e a flecha foram produzidos pela própria etnia; no entanto, sua estruturação como “modalidade esportiva”, possuindo normas que controlavam as ações dos indivíduos, promoveu uma semelhança entre as técnicas apresentadas, com um sentido único. A disputa que envolveu a lança apresentou técnicas diversificadas na realização de seu lançamento. O mesmo fato pôde ser observado na “canoagem” e na “natação”, assim como nas corridas que, desprovidas de seus elementos originais, assumem outros sentidos e significados diferentes daqueles de fuga, de reconhecimento do ambiente natural e de relação com o mundo espiritual.

Nessa direção, a análise também foi feita em relação às práticas em que não há condições de normatização, por serem restritas a determinados grupos, e que se desenvolveram sob forma de demonstração. Dentre as práticas corporais indígenas demonstradas, destacam-se as lutas corporais. Cada qual possui suas peculiaridades; entretanto, de modo geral, têm como função preparar o indígena para combates que exigem maior capacidade de destreza e força física. Estas práticas corporais consistem basicamente em uma disputa entre dois lutadores que têm como objetivo desequilibrar e derrubar o oponente, geralmente os lutadores – tradicionalmente reconhecidos como guerreiros – possuem maior prestígio dentro de sua comunidade.

Nos contextos das distintas sociedades indígenas, a interação, na qual as práticas corporais possuem centralidade, é situada no tempo e no espaço. Quando esta interação torna-se rotineira apresenta características institucionalizadas do sistema social de cada etnia. No entanto, não se deve pressupor que a rotina é constituída de formas irrefletidas de comportamentos repetitivos. Pelo contrário, são continuamente trabalhados pelos atores em suas condutas do dia a dia.

Neste sentido, as lutas corporais, as corridas, os jogos e as brincadeiras tradicionais estão apoiados no sistema de classificação de cada povo, presumem uma explicação mitológica para sua realização. Estas práticas constituem-se em meios de interação entre o mundo dos espíritos e o mundo real, responsáveis por constituir a consciência da pessoa indígena e suas condutas. No entanto, cada etnia, de acordo com sua dinâmica cultural, se apropriou de práticas corporais de outros povos em ocasiões de interação interétnica, caso de práticas secularizadas como futebol e o voleibol.

No contexto dos Jogos dos Povos Indígenas, se criou uma rotina diferenciada, em grande medida, pela estrutura que conduziu os atores sociais a determinadas relações sociais. Percebeu-se que as práticas corporais realizadas naquele espaço de interação interétnica possuíam em seu interior uma lógica, um universo de significados que foram assimilados pelos indivíduos. Pode-se notar que o padrão de conduta reconhecido como apropriado sobressaiu-se sobre raros comportamentos desviantes. Isso significa dizer que a estrutura da ocasião social, que carrega em seu conjunto valores modernos, foi compreendida pelos indígenas.

No entanto, os protagonistas do encontro social, em muitos casos, não foram capazes de reconhecer, em seus depoimentos, que as coerções sociais têm influência em seu comportamento. Nesta perspectiva, a análise faz compreender que a estrutura interferiu significativamente na consciência prática do agente, visto que ocorreu à “monitoração reflexiva da conduta” (GIDDENS, 1989, p. 35). Tal fato se explica, pois “as estruturas mentais através das quais eles [os indivíduos] apreendem o mundo social, são em essência produto da interiorização das estruturas do mundo social” (BOURDIEU, 1990, p. 158).

Por outro lado, a consciência discursiva, isto é, aquela que o indivíduo demonstra estar apto a relatar coerentemente suas atividades e fornecer as razões que as motivam, não foi alterada. Casos que podem ser explicados pelo arranjo promovido pela estruturação do evento às práticas corporais, posto que todas foram realizadas neste contexto com suas particularidades tradicionais, imbricadas com elementos modernos. Nesse cenário de ocorrência de processos interétnicos, os elementos tradicionais permaneceram na consciência dos indígenas, que relataram motivos relacionados a valores de sua etnia, como: aumento do prestígio e, com efeito, a ocupação de uma posição social.

Vale ressaltar ainda que esses processos interétnicos geram “hibri-

dações”. De acordo com Canclini (2003), a noção de hibridação serve para “designar as misturas interculturais propriamente modernas”. Nesse ínterim, os processos de hibridação ocorrem em meio às condições da modernidade, da massificação em escala global de produtos simbólicos e dos conflitos de poder. A estrutura que surge com a hibridação evidencia que modernização e tradição estão imbricadas, tendo-se, portanto, como resultante outra significação.

Desse modo, entende-se que o evento permitiu a construção de um processo híbrido na maneira de os sujeitos (povos indígenas) usarem e servirem-se de seus corpos, isto é, nos usos e apropriações das práticas corporais tradicionais que se reconfiguram por meio da adoção de elementos e valores tradicionais e modernos. No processo de uma dinâmica cultural, compreende-se que elementos da tradição não são totalmente abandonados, mas sim, que a estes são incorporados outros elementos que são, por seu turno, característicos da modernidade. Por meio da interação interétnica pode-se inferir a existência de uma afirmação – elemento crucial das relações entre índios e não-índios – pode ser constituído outro habitus, conforme um sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem promovida pelo contato interétnico sustentado em um sistema de classificação distinto. Partindo desta afirmação, entende-se que essa ressignificação surge da recriação do patrimônio cultural por parte dos atores sociais envolvidos no evento.

Considerações finais

O que se pretendeu, neste trabalho, foi construir uma leitura da realidade observada durante a IX edição dos Jogos dos Povos Indígenas, com base em uma análise na qual se procurou explicar e compreender o objeto de estudo por meio das disposições da personalidade dos atores, bem como pelas coerções estabelecidas de acordo com a estrutura social. Na construção desse olhar interdisciplinar, o enfoque foi dado sobre a influência do fenômeno esportivo – promovido pelo contato interétnico – em projetar um processo de ressignificação das práticas corporais apresentadas no evento.

Nesse contexto, observou-se que as práticas corporais foram configuradas de modo a proporcionar a competição entre os indígenas. Nesta direção, constituiu-se um outro arranjo a essas práticas, no qual foram hibridados elementos que a identificam como práticas tradicio-

nais com elementos característicos das sociedades modernas. Com esta noção, observa-se que os princípios e peculiaridades do esporte, em sua dimensão de alto rendimento, foram assimilados pelos indígenas participantes do evento.

Nessa perspectiva, vale registrar que a oferta das práticas corporais nos Jogos dos Povos Indígenas, em relação à sua estruturação, seguiu a lógica do esporte de alto rendimento. Compreende-se, portanto, que esse evento contribuiu para reconfigurar – competição e espetacularização – as práticas corporais indígenas. Com esse enfoque, os indígenas assumem-se como “competidores”, sendo o sentido de competição recriado por estes indivíduos ao adotarem um padrão de conduta condizente com a expectativa da organização, sem abandonar os costumes das diferentes sociedades.

Com efeito, pode-se sugerir que a ressignificação das práticas corporais ocorre na medida em que há a apropriação dos princípios do esporte de alto rendimento pelos indígenas participantes do evento. Com base na construção dessa leitura, as práticas corporais ressignificadas podem vir a interferir na consciência dos indivíduos, o que pode, inclusive, contribuir para o estabelecimento de outro habitus e modificar, assim, a relação dos indígenas com o uso e apropriação de seus corpos.

Sport and culture: assessing the ‘sportivisation’ of body practices in Indigenous games

Abstract

This study is based on the Master’s thesis presented to the Graduate Programme for Physical Education of the University of Brasilia. The study consists of a dialogue between Physical Education and Social Science, considering as outline the case study. The investigated aim was composed by using approach of body techniques regarding sports, based on the analysis of the IX Edition of Jogos dos Povos Indígenas [Games for Indigenous People]. The aim was to interpret the measure contributed by such competition to offer a new mean regarding the body practices for the several Indigenous ethnic groups. The results revealed an exchange between values and traditional, modern practices; therefore, exposing a new mean for the body practices concerning the Indigenous participants.

Keywords: Body practices - Culture - Games - Indigenous People

Deporte y cultura: análisis referente al esportivización de las prácticas corporales en los juegos indígenas

Resumen

El trabajo es parte de un ejercicio monográfico realizado para conclusión del posgrado en nivel de master en Educación Física de la Universidad de Brasília. El estudio construye un diálogo entre los campos de la Educación Física y de las Ciencias Sociales. El objeto investigado se constituyó por medio de las apropiaciones de las prácticas corporales en relación al deporte a partir del análisis de la IX Edición de los Juegos de los Pueblos Indígenas. El objetivo fue interpretar en que medida esta competición contribuye para la (re)significación de las prácticas corporales de las varias etnias indígenas. Los resultados apuntan que hay un intercambio entre valores y prácticas tradicionales y modernas, ocurriendo una (re)significación de las prácticas corporales de los Pueblos Indígenas participantes.

Palabras clave: Prácticas Corporales - Cultura - Juegos indígenas

Referências

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 2. ed. Ijuí: Editora Ijuí, 2003.

BRASÍLIA. Ministério do Esporte. **Regulamento Geral**. Brasília: Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, 1999.

CAILLOIS, R. **Los juegos y los hombres: la máscara y el vértigo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

CARDOSO OLIVEIRA, R. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

DAÓLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papyrus, 1995.

FASSEBER, J. R. (re-) Pensando a Educação Física indígena. In: ENCONTRO SOBRE LEITURA E ESCRITA EM SOCIEDADES INDÍGENAS: desafios atuais da educação escolar indígena, 6., 2005, Campinas. **Anais...** Campinas: ALV, Núcleo de Cultura e Educação Indígena; Brasília: Ministério do Esporte, Secretaria Nacional de Desen-

volvimento do Esporte e do Lazer, 2005. p. 157-165.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GRANDO, B. **Corpo e educação: as relações interculturais nas práticas corporais Bororo em Meruri-MT**. 2004. 357f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

_____. Corpo e cultura: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicas e culturais e a constituição da identidade Bororo em Meruri-MT. **Pensar a Prática**, Goiânia. v. 8, n. 2, p. 163-179, jul./dez. 2005a.

_____. Jogos dos povos indígenas: tradição, cultura e esporte na escola indígena In: ENCONTRO SOBRE LEITURA E ESCRITA EM SOCIEDADES INDÍGENAS: desafios atuais da educação escolar indígena, 6., 2005, Campinas. **Anais...** Campinas: ALV, Núcleo de Cultura e Educação Indígena; Brasília: Ministério do Esporte, Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, 2005b. p. 177-187.

_____. A educação do corpo nas sociedades indígenas. In: RODRIGUES MULLER, M. L.; PAIXÃO, L. P. (Orgs.). **Educação: diferenças e desigualdades**. Cuiabá: Ed. UFMT, 2006. p. 227-252.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 7. ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2007.

MAGNANI, J. G. C. Antropologia e Educação Física. In: CARVALHO, Y.; RUBIO, K. (Orgs.). **Educação Física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 17-26.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

ROCHA FERREIRA, M. B. Jogos tradicionais e esportes em terras indígenas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA, 8., 2002, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa, v. 1., 2002. p. 1-7.

RUBIO, K.; FUTADA, F. M.; SILVA, E. C. Os jogos indígenas e as contradições do confraternizar e competir. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 105-119, set. 2006.

VINHA, M.; ROCHA FERREIRA, M. B. Esporte entre os índios Kadiwéu. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 24, n. 3, p. 145-158, maio 2003.

_____. Evento Nacional: jogos dos povos indígenas, jogos tradicionais e processo de esportivização In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: história e paz, 23. 2005 **Anais...** Londrina: Editorial Mídia, 2005. p. 1-8. CD Rom.

VIVEIRO DE CASTRO, E. A fabricação do corpo na sociedade xinguana. In: OLIVEIRA FILHO, J. P. (Org.). **Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil**. São Paulo: Marco Zero; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1987. p. 31-41.

Recebido em: 01/03/2010

Revisado em: 07/04/2010

Aprovado em: 13/04/2010

Endereço para correspondência

dulce@unb.br

Dulce Maria Filgueira de Almeida Suassuna

Universidade de Brasília, Faculdade de Educação Física

Campus Universitário Darcy Ribeiro

ASA NORTE

70919-970 - Brasília, DF - Brasil - Caixa-Postal: 04502